|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Há vida além do caminho |  |  |
|  |  |  |
| Como sempre, Elisa caminhava apressada para percorrer o trecho entre a estação de metrô e o prédio onde trabalhava. Enquanto caminhava, organizava mentalmente o serviço do dia, calculando quanto tempo deveria ocupar com a análise de cada relatório, quais argumentos seriam mais adequados a cada um, para convencer seu chefe o mais rapidamente possível e evitar longas discussões. Ultimamente percebia que ele olhava mais detalhadamente suas análises, e procurava esticar as conversas para assuntos além do serviço, o que a deixava incomodada. Gostava da precisão e rapidez em seu trabalho, deixando de lado digressões inúteis. De vez em quando felicitava a si mesma pelas soluções criativas que produzia. |  |  |
| Já estava nesse emprego há um ano, e seguia uma rotina rígida. Uma caminhada de seu apartamento até o metrô, depois uma pequena caminhada do metrô ao escritório, pouco mais de quinhentos metros imersa em pensamentos. Mas nesse dia sua rotina foi quebrada por dois rapazes que a agarraram e levaram-na a um beco, o qual ela nunca notara. Quis gritar, mas sua voz foi calada por uma faca em sua garganta. |  |  |
| - Fique quieta, nem um pio! |  |  |
| Ela obedeceu. Apavorada, deixou-se levar até um canto escuro. Enquanto o rapaz da faca a mantinha imobilizada, o outro puxou sua bolsa. Ela fechou os olhos. Apesar de temer por sua vida, nesse momento lembrou-se dos rascunhos que estavam ali dentro. Teria que refazer tudo se os perdesse. Junto com o medo veio a irritação por aquela situação inconveniente. |  |  |
| Mal percebeu quando o rapaz da faca foi jogado violentamente contra a parede, onde permaneceu aturdido. Em seguida, o outro rapaz largou sua bolsa e fugiu dali. Ela quis correr, mas suas pernas não obedeciam. |  |  |
| - A senhora está bem? Senhora? |  |  |
| Demorou um minuto para organizar novamente seus pensamentos, e então percebeu que um mendigo falava com ela. O rapaz da faca havia se recuperado, e também fugira. |  |  |
| - Como? Ah, sim, estou bem… |  |  |
| - Não se preocupe, são só dois vadios. Não vão mais incomodar. |  |  |
| - Eu… bem, obrigada. Não sabia que esse tipo de gente andava por aqui. |  |  |
| - Estão em todo lugar, só esperando uma oportunidade de pegar alguém distraído. |  |  |
| O mendigo pegou a bolsa do chão e entregou para ela. |  |  |
| - Pronto. Foi só um susto. Vá com Deus. |  |  |
| - O senhor não se machucou, não é? Como posso recompensá-lo pela ajuda? |  |  |
| - Não precisa. Vá em paz. Eu fico por aqui em paz também, como sempre, nesse meu cantinho. |  |  |
| - Eu nunca o vi por aqui. |  |  |
| - Moro aqui há uns cinco anos. Sempre nesse beco, ou ali, na praça. É meu mundo. E a senhora passa por mim todos os dias. Faz um ano… |  |  |
| - Como sabe? E eu realmente nunca o vi. |  |  |
| - Pessoas como eu costumam ser invisíveis. É normal. Mas eu observo as pessoas. Algumas eu não esqueço. Fica na memória. |  |  |
| - E por que se lembra de algumas? |  |  |
| - Não sei. Pode ser várias coisas. |  |  |
| Ela retornou à calma costumeira, e como não queria mais ficar ali conversando com um mendigo, ajeitou sua bolsa no ombro, alisou a roupa e o cabelo com gestos maquinais. O mendigo pegou o saco de bugigangas que estava encostado a uma parede, e saiu do beco. Ela saiu logo depois. Encontrou o mendigo logo à frente, esperando uma oportunidade para atravessar a rua. |  |  |
| - Mais uma vez, muito obrigada. Graças a Deus o senhor estava por perto. E o senhor acertou quando disse que faz um ano que passo por aqui. Só não entendo como se lembra de mim. |  |  |
| - A senhora caminha sempre muito séria. Parece sempre preocupada com alguma coisa. Mas vez ou outra deixa escapar um sorriso. A senhora é muito bonita, e seu sorriso é lindo. Gosto de observar a senhora passando, e quando vejo um sorriso seu, isso ilumina meu dia. |  |  |
| Finalmente o trânsito amainou, e o mendigo atravessou a rua, indo se instalar na praça do outro lado. |  |  |
| Ela não sabia o que fazer. Será que deveria considerar o elogio do mendigo um atrevimento? Mas ele a ajudara. Por um minuto ficou pensativa. Então olhou em volta. |  |  |
| E pela primeira vez enxergou a praça. Gramado, bancos, jardins. Um balanço, escorregador e uma pirâmide de tubos para as crianças. E muitas pessoas. Gente que ia e vinha. E era um dia ensolarado. A luz refletia nos vidros dos prédios, e a rua parecia multicolorida. O ruído dos carros harmonizava-se com a tagarelice dos passantes. Ela enxergou o caminho que fazia todos os dias. Havia vida além do caminho. E vida em abundância! |  |  |
| Quando chegou à porta do prédio onde trabalhava, viu um casal despedir-se aos beijos. E o olhar do rapaz lembrou o olhar do seu chefe. O mesmo sorriso tímido. Lembrou-se do menino da copiadora que sempre lhe oferecia um chá. A estagiária que lhe convidara para almoçar no dia anterior. Mas como sempre ela não tivera tempo. Como sempre ela evitara as pessoas. Assim como não via o mendigo, ela também não via seus próprios companheiros. Seu bom dia era o padrão da cortesia, nada mais. |  |  |
| Abriu a porta do escritório e lá estavam eles. Dessa vez enxergou um a um, até o chefe, com seu sorriso tímido. Sentiu-se abraçada, e dessa vez seu bom dia foi acompanhado por um sorriso espontâneo. |  |  |
| E foi um dia foi maravilhoso… |  |  |